

**Memória
de uma
paixão**

Um percurso psicanalítico

Coleção TerramaR

Coordenadores

Nina Virginia de Araújo Leite (Unicamp)

J. Guillermo Milán-Ramos (Udelar/Urugai – Outrarte/Unicamp)

Conselho Editorial

Cláudia de Lemos (Unicamp)

Flavia Trocoli (UFRJ)

Viviane Veras (Unicamp)

Paulo Endo (USP)

Sylvie Sesé-Léger

**Memória
de uma
paixão**

Um percurso psicanalítico

tradução
Caterina Koltai

revisão técnica
Marie-Lou Lery-Lachaume
Nina Virginia A. Leite

Título original em francês: *Mémoire d'une passion*
– *Collection Un parcours* –
Direção da editora Campagne Première: Patrick Avrane –
Patrick Guyomard – Responsável Editorial: Jean Delaite
ISBN: 978-2-9157-8974-4 © Editoras Campagne Première, 2012
Société de Psychanalyse Freudienne – Campagne Première
23, rue Campagne-Première – 75 014 – Paris
Téléphone: 0143227385 ou 0960361996 –
campagnepremiere@orange.fr.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sesé-Léger, Sylvie
Memória de uma paixão : um percurso psicanalítico / Sylvie Sesé-Léger ;
tradução Caterina Koltai. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021. –
(*Coleção Terramar*)

Título original: *Mémoire D'une Passion*
Bibliografia
ISBN 978-65-86089-78-3

1. Lacan, Jacques, 1901-1981 – Psicanálise 2. Psicanálise I. Título II. Série.

21-72259

CDD-150

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise 150

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

tradutora: Caterina Koltai

revisão técnica: Marie-Lou Lery-Lachaume e Nina Virginia A. Leite

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 1

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Sumário

PREFÁCIO (<i>Michel Plon</i>)	7
INTRODUÇÃO	15
I. UMA EXPERIÊNCIA INAUGURAL: “O PASSE”	
1. “Passador”	21
2. “Passante”	39
II. A DISSOLUÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS	
3. Tormenta e estrondo (janeiro de 1980).....	51
4. Uma pura instituição	69
5. Novos caminhos	83
III. TRANSMISSÃO	
6. A intranquilidade da transferência	93
7. Pertencer a uma instituição psicanalítica	103
CONCLUSÃO	111
BIBLIOGRAFIA	115

Prefácio¹

Michel Plon

Uma paixão, seja ela amorosa ou intelectual, desconhece a meia-medida, a tibieza, ela toca no sublime, quando não no trágico, e implica, necessariamente, em muita dor e sofrimento.

Nas páginas que seguem, Sylvie Sesé-Léger nos conta com sobriedade e precisão, num misto de relato-reportagem, nem tanto como ela se tomou de paixão pela psicanálise, mas como a paixão da psicanálise que Jacques Lacan lhe apresentou - assim como a tantos outros, e a pelo menos duas gerações de analistas – se apossou dela, durante quase um quarto de século, sem lhe dar o menor sossego.

Sylvie Sesé-Léger evoca, logo de início, o que ela chama de sua “paixão lacaniana”, declaração que não nos impede de acrescentarmos aí alguns esclarecimentos, para melhor ressaltar o teor concreto dessa paixão. Não que Lacan, com sua personalidade, sua obra, sua atitude de re-fundador, sua criatividade, sua cultura, sua escuta analítica, sem falar de suas prodigiosa inteligência e capacidade ímpar de trabalho – no que sem dúvida alguma foi o incontestável sucessor de Freud - não justificassem por si só as transferências, de fato passionais que instaurou e que, em muitos casos, continuam intocadas, mas talvez seja o caso de acrescentar a essa

1. NT: o texto aqui apresentado foi escrito por Michel Plon como prefácio à edição italiana, publicada em 2017 pela Edizioni ETS: *Storia di una passione. Un percorso psicanalitico*.

descrição, dois aspectos do empreendimento lacaniano que sustentaram essa total adesão de Sylvie Sesé-Léger.

Algumas breves pontuações históricas podem, quem sabe, conferir uma certa novidade e importância a essas duas dimensões.

De 1953 a 1964, Lacan foi, passo a passo, seminário após seminário, conferência após conferência, explorando e amplificando o pensamento de Freud que, após sua morte, mas até mesmo antes, desde o início dos anos vinte, foi se esclerosando progressivamente, em função de uma estrutura institucional cada vez mais burocrática. Foi nesse quadro rígido que Lacan desenvolveu, bravamente, sua empreitada assumindo, inclusive, a ação política que, no interior deste quadro, viria a lhe garantir um mínimo de autonomia. Mas a contradição entre a pretensão sempre inovadora feita de leituras e releituras cada vez mais sutis, matéria prima desse “ retorno a Freud ” sem concessões tanto no plano teórico quanto no da prática da análise, e um aparelho mais do que conservador, causa do empobrecimento do próprio pensamento, foi crescendo a tal ponto que a explosão, ainda que imprevisível em seus detalhes, era inevitável. Contrariamente a certas lendas, não foi Lacan quem, quaisquer que tenham sido suas ousadias, sancionou a ruptura, mas sim a instituição, a *International Psychoanalytic Association* (IPA) que, ao cabo daquilo que acabou tomando ares de uma verdadeira investigação policial e de um processo com ares de inquisição - o famoso e por muito tempo secreto *Relatório Turquet* é testemunha disso por sua própria mediocridade - vai retirar o título de analista didata de Lacan que, apesar de desejar secretamente minar do interior a dita instituição, tinha multiplicado suas iniciativas de compromisso.

É, pois, coagido e forçado, ainda que ele não o formule nesses termos, ele fala desde sua solidão, que Lacan funda em 1964, sua escola, a *Escola freudiana de Paris*.

Primeira das duas características acima evocadas, o projeto de Lacan consistia na criação de uma instituição - uma escola no sentido das escolas da Antiguidade - que fosse *puramente psicanalítica*, inteiramente voltada à psicanálise, seu estudo, seu desenvolvimento e sua transmissão, isto é, para a formação de analistas excluindo, portanto, tudo aquilo que representa seu peso e sua lentidão, ou seja, a dimensão mortífera das instituições, cenário usual das lutas pelo poder, conchavos e demais compromissos cujo desenvolvimento sufoca os objetivos iniciais. Sylvie Sesé-Léger examina minuciosamente toda a arquitetura e modo de funcionamento dessa escola, assim constituída com esse objetivo que ao mesmo tempo

implica em liberdade da palavra e iniciativa, à condição que elas estejam a serviço da psicanálise. Aí cada um pode ser admitido ou não, mas, se for o caso, depois de haver postulado para isso com total conhecimento de causa, então é fácil entender que a dedicação seja totalmente apaixonada, independentemente do tempo e intensidade de investimento exigido.

Mas até aí se tratava apenas de premissas que, no entanto, não devem ser subestimadas em razão do seu caráter inovador face ao que, até então, existia no mundo psicanalítico. O essencial, o cerne da batalha contra o retorno do recalcado institucional manifestou-se rapidamente através da segunda das duas dimensões, a que se referia à formação dos analistas, questão inevitável que, para Lacan, supunha uma condição prévia que se manifestava claramente pela recusa de interinar, sem qualquer outra formalidade, que um analisando quisesse se tornar analista – tal um aluno em medicina quer se tornar médico ou um estagiário se tornar advogado – condição prévia que exigia que fossem explorados os caminhos, por mais diferentes e pouco acadêmicos que fossem, segundo os quais esse desejo de ser analista era da ordem de um desejo. A questão em si, o próprio Lacan a havia resumido em toda sua brutalidade e mistério: “o que acontece na cachola de alguém que quer se tornar analista?” Para abordar essa questão, confrontar-se com os riscos que isso poderia comportar - que se revelaram bem reais – as regras institucionais usuais eram inadequadas, sendo, pois, necessário inventar um procedimento que viesse a transformar o que até então se pensava sobre a questão, um procedimento, perturbador o bastante, para se tornar um obstáculo a qualquer forma de banalização. Foi a famosa “Proposição de 9 de outubro de 67” que iria instaurar o procedimento do passe. *Esse foi o cerne da paixão de Sylvie Sesé-Léger que a viveu em todas as suas etapas*, como passante – aquele ou aquela que se expõe ao passe – como passador, aquele que recolhe para transmiti-lo a um júri o dizer do candidato sobre seu trajeto de analisando e seu desejo de se tornar analista, como membro de júris cuja missão era a de avaliar o que havia de propriamente analítico nos testemunhos transmitidos.

Não se tratou de uma mera mudança na maneira de abordar essa questão do “tornar-se analista”, tratou-se, como bem disse Sylvie Sesé-Léger, de um “terremoto institucional” que nos cabe hoje em dia, passado meio século, medir em suas reais consequências. Já em 1956, como bem lembra nossa autora, Lacan não hesitara em ironizar “a empáfia dos didatas” da IPA, verdadeira aristocracia cheia de privilégios, mas a proposição de outubro de 67 ia muito além disso, ela foi “quem sabe um

ato surrealista! ” que desencadeou uma verdadeira “ devastação na bem organizada sociedade dos psicanalistas, apenas alguns meses antes da revolução de maio de 1968 ”. Para tentar desvendar esse mistério do devir analista, diligência que, se quisermos levá-la à sério, temos que convir que não era nada evidente, Lacan “ pretendia romper com a hierarquia distinguindo-a do gradus e diferenciando a garantia outorgada pela Escola da garantia demandada pelo psicanalista “.

Sylvie Sesé-Léger retoma a sucessão de debates, conflitos e enfrentamentos que, na seqüência dessa “ Proposição ”, irão não apenas abalar a Escola, mas começar a rachá-la por todos os lados com o retorno, progressivo, mas inelutável e crescente dos processos institucionais, aqueles mesmos que Lacan quis eliminar. “ Um fracasso, esse passe! ” constatou Lacan, não sem amargura, em 1978, por ocasião das jornadas de Deauville, jornadas que foram marcadas por intervenções de uma rara sinceridade, tão apaixonadas quanto dilacerantes, salientando entre tantas outras a de Anne Levallois, cujos extratos reencontramos nessas páginas carregadas de emoção, contribuição que, juntamente com outras, merecem ser relidas hoje em dia nesses tempos marcados por uma certa desilusão.

E então? Um “ fracasso” esse passe cujos avanços tanto quanto seus “ impasses ” constituem o cerne dessa obra? Sim, se levarmos em conta que nunca foi possível extrair desse procedimento, tão complexo quanto implicante, um qualquer ensinamento decisivo, um saber que respondesse, ainda que minimamente, à questão colocada por Lacan e isto, apesar das inúmeras e diferentes retomadas e modificações quanto ao modelo original que foram, e continuam sendo tentadas, ainda hoje, nos diferentes grupos e associações criadas após a dissolução da EFP em 1980, por seu fundador, a despeito de ter se tornado o campo de enfrentamentos ainda não apagados hoje, quarenta anos depois. Mas responderemos pela negativa à questão colocada, simplesmente lendo o livro de Sylvie Sesé-Léger que mostra que, para além de uma paixão pessoal, diz respeito à parte considerável da história da psicanálise com tudo que pode trazer de aprofundamentos e esclarecimentos de um impossível, no sentido em que Freud emprega esse termo para qualificar esses três “ ofícios ” impossíveis que são educar, governar e ... psicanalisar.

Impossível, e a história toda da psicanálise é testemunha, quanto à coexistência entre o registro institucional e seu funcionamento, incluídos aí a hierarquização, as lutas pelo poder e a permanente procura de uma uniformização do pensamento - basta termos em mente a história das

cisões e rupturas que marcam essa história – e a liberdade de pensamento, audácia e caráter subversivo do método psicanalítico. Nesse sentido, mesmo antes da famosa “ Proposição de 67 ”, a EFP era, sem dúvida alguma, uma utopia, mas será que não foram justamente as utopias que, frequentemente, moldaram a história? Para desvendar tal contradição em seus diferentes aspectos, para dar conta do impossível dessa aventura, não bastava contar sua história, uma história que se resumisse a uma mera sequência de acontecimentos, e portanto inevitavelmente anedótica, era preciso uma historiadora psicanalista, capaz de seguir sempre comprometida com esse irreduzível *modo de pensar* – a expressão é de Freud quando defende sem concessão o método psicanalítico, principalmente em seu ensaio sobre *A psicanálise leiga* – que é o modo de pensar psicanalítico, irreduzível a qualquer outro, uma historiadora psicanalista, “ engajada ”, em posição de escrever, nem que seja um episódio, de uma *história psicanalítica da psicanálise*. É o que consegue fazer, com elegância e sem hermetismos, Sylvie Sesé-Léger, que deixa transparecer, e é de onde decorre a importância e o valor dessa tradução, que seu trabalho aborda um momento da história da psicanálise *de modo algum franco-francês*, pois interessa qualquer um, independentemente de sua nacionalidade, língua ou orientações no campo psicanalítico, que aspire entender melhor os arcanos e mistérios de um campo que, apesar das especulações circunstanciais, dos ataques e tempos de desafetos, permanecerá para sempre como parte do patrimônio da humanidade.

Paris, Fevereiro de 2017

*Extrême donde no supe, y quedéme no sabiendo,
toda ciencia trascendiendo.*
Jean de la Croix

Introdução

Retraço, neste livro, meu percurso de psicanalista, que foi marcado por minha adesão à Escola freudiana de Paris e pelo ensino de Jacques Lacan, alguns anos antes da dissolução advinda em 1980. Essa *Memória de uma paixão* é um esclarecimento, só depois [*après coup*], nessa temporalidade que é a do inconsciente, dos desafios do início de minha trajetória. Desejei lançar um olhar atual sobre os atos outrora colocados por mim, ainda que, naquele momento, eu não soubesse o que me levava a isso.

Memória de uma paixão é um livro no qual reivindico sob todas as condições, meu pertencimento ao movimento lacaniano. Toda minha vida de psicanalista encontra-se ali enraizada. Evoco a experiência inaugural do passe que influiu o curso de minha análise e impregnou o início de minha prática analítica. Interrogo, no só-depois, o choque que representou, para mim, a irrupção da instituição em minha cura, assim como suas consequências no que diz respeito ao meu engajamento posterior nas sociedades de psicanalistas.

Ao dar vazão à memória dessa paixão do passe, dessa paixão lacaniana, retorno sobre meu questionamento no que diz respeito à transmissão da psicanálise. Após tantos anos de prática da psicanálise e atividade coletiva, minhas interrogações permanecem vivas quanto ao tornar-se analista, quanto ao ser-analista. Meu propósito não é histórico, propriamente falando. Desejo, a partir do meu percurso pessoal e de minha implicação na cena institucional, testemunhar sobre um momento da história da Escola freudiana de Paris.

A primeira parte desse livro é dedicada a esta experiência inaugural do passe. Fui “passadora”, depois “passante” e, mais tarde, tornei-me membro de júris de passe. Apresento uma leitura do contexto passional que envolveu esse procedimento de habilitação, segundo o qual um candidato se tornava Analista da Escola. Dessa maneira, a Escola freudiana de Paris garantia que uma performance aconteceria. E a Escola, simultaneamente, podia encontrar-se modificada. A competência do psicanalista, adquirida ao longo dos anos e com a ajuda do trabalho de supervisão, era por sua vez, garantida pelo título de analista membro da escola (AME). Retorno sobre as circunstâncias, aparentemente paradoxais, de minha decisão de ter me candidatado ao passe, num momento em que Lacan declarara que esse procedimento, inventado por ele, fracassara. Os sinais que anunciavam o fim da Escola freudiana de Paris já raiavam no horizonte. As lutas de poder entre as diferentes correntes no interior da Escola deram cabo dela. Sua dissolução em janeiro de 1980 representou um verdadeiro terremoto para a comunidade lacaniana.

Na segunda parte do livro, retraço as consequências imediatas, assim como os efeitos posteriores desse acontecimento. Evoco seus ecos inconscientes, tais como os analisei naquela época e, mais tarde, por ocasião de novas aventuras institucionais. A escrita desse livro é também a oportunidade que me permite reconsiderar alguns episódios de minha história pessoal em consonância com essa tormenta institucional que me levou para novos caminhos. O sentimento de abandono experimentado naquele momento foi proporcional à minha paixão lacaniana, marcada pelo punção do excesso, ecoando minha vida afetiva infantil. Depois da Escola freudiana de Paris, tentei com outros, reencontrar e reconstruir um lugar de inscrição para a transmissão da psicanálise. No entanto, a insatisfação e o imobilismo desvitalizavam a ação coletiva e acabei me deparando novamente com a série demissão-cisão-dissolução. Apesar de tudo, meu entusiasmo com a psicanálise se manteve vivo. *Fluctuat nec mergitur!* Nas tempestades a embarcação balança, mas não afunda! A divisa freudiana me acompanha hoje, assim como ontem, tanto na minha prática analítica quanto em minhas atividades coletivas, para a transmissão de uma psicanálise em invenção.

Dois anos atrás, quando da publicação do *Manifesto pela psicanálise*, a Sociedade de psicanálise freudiana (SPF) organizou um debate com os autores dessa obra.¹ Fiquei sensível às falas dos colegas de minha gera-

1. *Manifesto pela psicanálise*, Sophie Aouillé, Pierre Bruno, Franck Chaumon, Guy Lérés, Michel Plon e Eric Porge, tradução de Clóvis Marques, Rio de Janeiro: Civi-

ção que defendiam a análise leiga, sempre ameaçada de desaparecimento. Neste encontro tivemos a oportunidade de evocar nossa história lacaniana comum. Nosso bate papo despertou em mim o desejo de abrir meus arquivos, desdobrar os dossiês que foram enterrados para serem esquecidos e de reler documentos que ardiam de paixão lacaniana.

A cultura lacaniana da qual eu me alimentava naquela época revelou-me facetas que tinham permanecido desconhecidas para mim até os dias de hoje. Reli, estremecendo, os artigos que publicara há agora 20 anos, e mais. Meu estilo, que imitava o de Lacan, me fez sorrir e chegou a me enternecer, de tanto que me parecia obedecer a arrebatamentos pueris. Desejara, portanto, falar e escrever como este grande homem que era o objeto de devoção de meu analista! Descobria, no só-depois, as artimanhas da sedução na transferência e em sua necessária alienação, para que algo do desejo inconsciente viesse à luz.

Freud estava certo ao escrever que “de fato, o que o paciente viveu sob forma de transferência, ele nunca mais esquecerá e isso terá para ele uma força mais convincente que tudo aquilo que adquiriu por outros meios”.²

Assim, é a formação à transferência que está no cerne dos desenvolvimentos da terceira parte deste livro. Nomeio *intranquilidade da transferência* esses movimentos psíquicos ao longo de uma cura que são fonte de embaraço, mas também de invenção para o psicanalista. No que diz respeito à situação de supervisão, proponho uma leitura da noção de influência (*Einfluß*), à qual Freud se referia ao falar da contratransferência.

Finalmente, exponho as questões que surgiram a partir de minha experiência institucional nos júris e em uma comissão de admissão.

Entre a oferta da instituição e a demanda de um candidato, quantos desafios para ambos os lados! Quantas armadilhas para um desejo... de analista!

lização Brasileira, 2015. Esse encontro que se deu no dia 30/11/2010 foi animado por Patrick Avrane, Marine Esposito-Vegliante, Patrick Guyomard e eu mesma. No meu livro, *Memória de uma paixão* não se trata da história do passe hoje. Sophie Aouillé em seu artigo “La solitude du coureur de fond” em *Essaim*, nº 18, érés, 2007 faz um recenseamento das associações que atualmente se servem desse procedimento.

2. Sigmund Freud (1976), *Esboço de psicanálise*, in: *Obras Completas*, vol. XXIII. São Paulo: Imago, p. 204.